



Bolsas Na segunda-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na segunda-feira	Salário mínimo Últimos	Euro Comercial, venda na segunda-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,55% São Paulo	144.872 22/10 23/10 24/10 27/10	R\$ 5,370 (- 0,41 %)	21/outubro 5,390 22/outubro 5,396 23/outubro 5,386 24/outubro 5,392	R\$ 6,255	14,90%	14,90%	Abрил/2025 0,43 Maio/2025 0,26 junho/2025 0,24 Julho/2025 0,26 Agosto/2025 -0,11

MERCADO FINANCEIRO

Dólar cai a R\$ 5,37 em reação a Lula e Trump

Segundo analistas, o cenário internacional também contribuiu para o otimismo. O Ibovespa chegou ao recorde de 146.969 pontos

» RAPHAEL PATI

Após um encontro bem sucedido entre os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Donald Trump, na Ásia, o mercado financeiro reagiu positivamente e o Índice da Bolsa de Valores de São Paulo (Ibovespa/B3) encerrou as operações ontem no maior patamar de fechamento da história, aos 146.969 pontos, após uma alta de 0,55%. As ações dos grandes bancos impulsionam a alta da bolsa brasileira no primeiro dia da semana. Os papéis do Bradesco (BBDC4) e Itaú (ITSA4) registraram valorizações de 0,83% e 0,35%, respectivamente, enquanto os do Banco do Brasil (BBAS3) avançaram 1,61%. Também houve variação positiva nas ações preferenciais da Petrobras (PETR4), que subiram 0,69%.

Além de bater recorde no fechamento, o Ibovespa alcançou a maior pontuação nominal da história ao longo do dia, quando bateu a máxima de 147.976 pontos. Na avaliação do analista da Ouro Preto Investimentos Sidney Lima, o resultado da bolsa foi sustentado por um cenário externo mais favorável e por leituras que reforçam o apetite por risco no Brasil. “O principal combustível desse movimento foi o otimismo global decorrente de sinais de que os EUA e a China estariam próximos de um entendimento que reduziria tensões comerciais, o que fortalece o apetite por ativos de mercados emergentes como o Brasil”, destaca Lima.

Além da aproximação do encontro entre Trump e o presidente da China, Xi Jinping, que está previsto para a próxima quinta-feira, o mercado interno reage

Nelson Almeida/AFP



Mercado aguarda otimista o encontro entre os presidentes dos EUA e da China, marcado para esta quinta, além de ter reagido bem à reunião na Malásia



O receio de escalada de conflito comercial se aliviou, favorecendo o humor de investidores locais”

Sidney Lima, analista da Ouro Preto Investimentos

positivamente ao avanço das negociações entre Brasil e Estados Unidos, após a reunião dos dois líderes na Ásia. Nesta segunda-feira, o dólar comercial fechou o dia em queda de 0,42%, a R\$ 5,37.

Humor

Para o analista de investimentos, um fator relevante para o Brasil foi a confiança dos dois presidentes em avançar em um acordo comercial benéfico para os dois países. “O receio de escalada de conflito comercial se

aliviou, favorecendo o humor de investidores locais, que enxergam uma possível reabertura ou intensificação do comércio Brasil-EUA como suporte para crescimento de exportações, câmbio e lucro corporativo”, destaca.

Nos Estados Unidos, inclusive, as bolsas também fecharam no azul, diante da expectativa nas negociações internacionais e na pacificação com a China. O Dow Jones fechou o pregão em alta de 0,71%, enquanto que Nasdaq e S&P 500 subiram 1,23% e 1,86%, respectivamente. Para

o economista-chefe da Bluematrix Asset, Renan Silva, o mercado norte-americano ainda segue otimista após a divulgação do Índice de Preços ao Consumidor (IPC) — o núcleo de inflação dos EUA —, que veio abaixo do esperado. “A maior parte das apostas no mercado financeiro acreditam em mais dois cortes de juros por parte do Federal Reserve. E isso pode gerar um fluxo positivo para nossa bolsa de valores que tem descontos bastante significativos em dólar”, pontua o especialista.

Focus vê IPCA perto do teto

» RAFAELA GONÇALVES

Analistas ouvidos pelo Banco Central reduziram de 4,70% para 4,56% a projeção do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), aproximando, pela primeira vez, o indicador do teto da meta estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) para este ano. A informação está no boletim semanal Focus, divulgado ontem pela instituição.

A meta é de 3%, mas permite uma margem de tolerância de até 4,5%. Ao longo do horizonte projetado, os números também apresentaram ligeiro recuo: para 2026, o IPCA passou de 4,27% para 4,20%; para 2027, de 3,83% para 3,82%; e para 2028, de 3,60% para 3,54%.

“O fato de a inflação caminhar para dentro do teto da meta reforça que o Banco Central está conseguindo controlar os preços, mesmo em um ambiente externo ainda incerto”, afirmou Antonio Patrus, diretor da Bossa Invest. Segundo ele, as projeções atualizadas indicam um cenário mais equilibrado. “Isso transmite confiança ao investidor e reforça a credibilidade da política monetária brasileira”.

Para Volnei Eyng, CEO da Multiplike, diversos fatores explicam a revisão das projeções. Entre eles, estão o alinhamento nas conversas entre Brasil e EUA e a perspectiva de que o Banco Central americano (FED) reduza a taxa de juros em 0,25%, medida que deve repercutir no Brasil. “O único ponto de atenção no cenário atual é a seca, que tem afetado as reservas de água”, acrescentou.



RAUL VELLOSO

NOSSAS AUTORIDADES PRECISAM DEFINIR POLÍTICAS ADEQUADAS PARA MINORAR AS CONSEQUÊNCIAS DESFAVORÁVEIS DO NOSSO POSICIONAMENTO RELATIVO EM TERMOS DE DEPENDÊNCIA DE IDOSOS. BASICAMENTE CONCENTRANDO ESFORÇOS NA REALIZAÇÃO DO CHAMADO EQUACIONAMENTO ATUARIAL

O "x" da questão macro no Brasil de hoje

O “x” da questão no tratamento do problema macroeconômico básico presente nos últimos tempos em nosso país tem a ver com a reação à forte e recente subida, ano a ano, do número dos componentes do segmento que a ciência demográfica identifica como Economicamente Dependente (ED), em que se faz a junção da parcela da população com idade abaixo de 15 à que se situa acima dos 65 anos, e se calcula a participação desse novo grupo no segmento antes identificado como Potencialmente Produtivo, vale dizer, aqueles que se situavam na faixa intermediária entre 15 e 65 anos, obtendo-se elevações sistemáticas das citadas participações, o que revela o surgimento de um novo quadro de elevado desequilíbrio das contas previdenciárias e assistenciais, que decorre da forte subida da parcela dos idosos,

ou seja, do número dos que se situam acima de 65 anos, juntamente com o da parcela da população abaixo de 15 anos, soma essa que nos leva ao que se denomina Razões de Dependência de Idosos (RDI), nos últimos tempos significativamente elevadas e crescentes em termos percentuais, se se juntar tudo em um mesmo bolo, e se dividir pela parcela dos que se situam entre 15 e 65 anos, ou seja, a parcela da população conhecida como potencialmente produtiva (PP), vale dizer, todos os fora daquela conta ou do grupo que se situa entre 15 e 65 anos.

Para governos, como o nosso, que vêm testemunhando, impávidos, uma forte subida das RDI, o acompanhamento e a busca de solução para as pressões financeiras que se estão acumulando em decorrência do que foi acima apresentado, e desdobrando em várias fren-

tes de batalha, é algo super bem vindo, a exemplo de um esforço de equacionamento (ou zeragem) dos passivos atuariais que devem estar se acumulando nas citadas frentes. Sem o resultado de tal esforço de ajustamento, as autoridades que supervisionam tais áreas acabarão, “para dar conta do seu recado”, sendo induzidas a reduzir drasticamente seus investimentos em infraestrutura, que são os itens supostamente mais flexíveis dos orçamentos, embora em si cruciais para a viabilização de taxas de crescimento mais elevadas do PIB e do emprego que resultariam alternativamente.

Passando a alguns dos levantamentos observados mais recentemente, segundo estudos de entidades internacionais cobrindo, primeiro, o período de 65 anos entre 1950 e 2015, então as RDI, que tinham alcançado, em 1950, a marca de cerca de 5%

no caso brasileiro, e, ao lado disso, algo ao redor do dobro desse valor tanto nos EUA quanto na Europa (nestes últimos dois casos, cerca de 12%), acabaram se posicionando sobre trajetórias ascendentes que, ao longo do tempo, terminaram estacionando sobre marcas próximas do dobro das registradas em 1950 (11 relativamente a 5% no Brasil, e 22/26 comparativamente a 12% nos EEUU e na Europa), mantendo mais ou menos intacta a relação entre as três trajetórias.

Longo prazo

Já se olhássemos mais à frente para o ano de 2055, constataríamos que agora a RDI do Brasil aumentaria bem mais relativamente à média das demais nações, no caso para um número que representaria algo ao redor de 3,5 vezes o que teria

de fato ocorrido em 2015. Quanto ao caso dos EUA, o aumento não seria tão expressivo como teria ocorrido no caso do Brasil, mas mesmo assim seria algo bastante relevante. Já no caso da Europa, na comparação 2015-2055, teria havido um aumento nada trivial, da ordem de 100%, mas ainda assim em percentual inferior ao que teria ocorrido no caso brasileiro.

Finalmente, para encerrar a análise com base no mesmo tipo de dados, ver-se-á que, ao se aproximar o ano de 2095, projetar-se-ão Brasil e Europa terminando até relativamente próximos entre si na comparação 2055-2095, com uma RDI 1,5 vez maior, no caso do Brasil, e 1,2 vez, no caso da Europa, respectivamente.

Só que, como resumo final, o Brasil terminaria o período total considerado (1950-2095) crescendo sua RDI 11,2 vezes acima

(melhor dizendo, bem acima) do que estaria ocorrendo com o Continente Europeu — nesse último caso, 5 vezes —, o que seria bem pior para nós, muito embora a Europa mostrasse um desempenho ainda pior (ou seja, um crescimento total maior ainda) comparativamente ao que ocorria com os EEUU. Nesse sentido, e com base nesses números, o posicionamento relativo do nosso País, em termos do grau de envelhecimento populacional é bem mais frágil do que o do mundo desenvolvido. Ou seja, nossas autoridades precisam definir políticas adequadas para minorar as consequências desfavoráveis do nosso posicionamento relativo em termos de dependência de idosos. Basicamente concentrando esforços na realização do chamado equacionamento atuarial ou do rumo à zeragem de seus passivos atuariais.